



**THEATRO DO LYCEO EM BARCELONA.**

QUANDO a pag. 288 do 3.<sup>o</sup> vol. da 1.<sup>a</sup> serie do *Panorama*, démos a *vista geral* de Barcelona, e uma noticia d'esta, por todos os titulos, importantissima cidade, tão circumstanciada quanto o permittiam os elementos de que podiamos dispôr, mencionámos de passagem o seu theatro como um dos mais notaveis monumentos que ornam aquella povoação, aliás opulenta de construcções magestosas e elegantes.

É esse bello e vasto edificio o que a nossa gravura representa com a maior exactidão.

O cavalheiro Cibrario, distincto escriptor italiano que o leitor já conhece pelo extracto que da sua obra publicámos no N.<sup>o</sup> 44 d'este volume, fazendo justiça ao caracter pundonoroso dos catalães, e mencionando muitas das riquezas que encerra a capital do principado, declara que o theatro do Lycéo é um dos mais esplendidos que tem visto, e porventura o de maior capacidade, incluindo mesmo o famosissimo da *Scala* em Milão.

O testemunho insuspeito de um escriptor tão estimavel, apparece confirmado geralmente pela opinião de todos os que tem visitado Barcelona. De feito, a fachada, que a nossa estampa representa, e que não pôde considerar-se irreprehensivel á luz dos preceitos severos da arte, apresenta comtudo um grande desenvolvimento, é apparatusa, decorada com bastante profusão, e produz em geral um bom effeito. A sua architectura, como a da maxima parte do interior, pertence á epocha do renascimento. As por-

tas do edificio abrem-se dentro de tres bem lançados arcos. O vestibulo, magnifico salão quadrado, termina em tres escadarias, duas lateraes que communicam para os pavimentos inferiores, e a do centro, de formoso marmore branco, que dá para o *andar nobre*. N'este, á direita e á esquerda da escada, ha duas sumptuosas portas que abrem para uma rica e ampla sala de descanso. É um parallelogrammo, tendo o chão de mosaico de marmore, e as paredes estucadas em arabescos, medalhões, retratos, grinaldas de flôres e outros adornos do melhor gosto. Alumiam-na cinco lustres, com cêrea de cem lumes cada um.

O palco scenico é vastissimo, e o proscenio construido segundo os preceitos da optica e da acustica. O theatro tem cinco ordens de camarotes, e cada um d'estes commodos aposentos para desafogo dos espectadores. O tecto é primorosamente pintado; representam-se n'elle quatro allegorias, a Musica, a Dança, a Comedia e a Tragedia, interpoladas com os retratos de Calderon, Lope de Vega, Moreto etc. Por cima do proscenio, e no meio das armas de Barcelona, vêem-se pintados em dous medalhões os retratos de Sophocles e Schiller. O grande lustre feito em Paris não é das cousas menos notaveis d'este theatro, pelo seu delicado gosto e immenso trabalho.

Os camarins dos actores, que exceedem a cem, as guardas-roupas, a sala de pinturas, tudo é formoso no theatro do Lycéo e digno de ser examinado pelo

NOVEMBRO 6, 1852.

viajante curioso. Para o serviço e comodidade dos concorrentes ha tres *cafés*, providos com a maior abundancia de tudo quanto póde desejar-se.

O theatro de Barcelona, que tem custado avultados cabedaeas, como deve imaginar-se, póde admittir até *quatro mil* expectadores!

Desde que escrevemos o artigo, já citado, ácerca de Barcelona, esta grande cidade tem crescido consideravelmente em opulencia e importancia; á sombra de uma protecção racional e moderada, as suas extensas manufacturas têm prosperado largamente; os seus meios de communicacão interior augmentaram pelo melhoramento das estradas e caminhos; o seu amplo porto recebe navios de todas as partes do mundo; e todos estes elementos juntos á natural actividade e intelligencia dos catalães, que não é inferior ao seu conhecido esforço, e amor de independencia, constituem Barcelona a primeira praça commercial da Hespanha.

Cabe ainda a Barcelona a gloria de uma generosa iniciativa, na adopção d'esse grande e maravilhoso vehiculo da civilisação moderna, os caminhos de ferro. Com effeito o *ferro-carril* de Barcelona a Mataró, (medindo cinco leguas) aberto á circulaçáo em 28 d'outubro de 1848, e por onde transitam *diariamente* 2,500 a 3,000 pessoas, foi o primeiro d'este genero, que se construiu em toda a peninsula!

#### ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

##### INSTRUÇÕES DADAS AO COADJUTOR DE BERGAMO, NUNCIO EM PORTUGAL NO TEMPO DE D. JOÃO III.

«As cousas principaes que me lembra recordar ao nuncio são estas:

«1.<sup>a</sup> Que tudo o que desejar que tenha exito, se puder, o faça sem pedir licença, como quem acredita que são ordinarias; porque os portuguezes em notando duvida, ainda nos negocios de maior interesse, levam tanto tempo a deliberar, que a occasião se perde.

«2.<sup>a</sup> Nas cousas de summa importancia, de que convenha avisar a N. S. com diligencia, ou praticar qualquer acto a tempo, não se prenda, esperando a resposta do rei, porque é morosissimo, e arruina os seus proprios negocios por indeciso e irresoluto, quanto mais os alheios, se para caminhar se esperar a resposta d'elles. Em tal caso é sempre prudente avisar secretamente, e em quanto corre a posta, esperar a resolução do rei, de outra fórma o nuncio seria enganado.

«3.<sup>a</sup> Quando o rei prometter que fará uma cousa d'ahi a tantos dias, ou disser que em dia certo responderá, não conte o nuncio que o cumpra, mas creia que será d'ali a dobrado ou mais tempo. Porque isto é no modo de fallar d'aquelle rei, e é preciso accommodar-se a elle. Mas no praso marcado deve comparecer ou mandar pedir a resposta, mas sem se irar, porque não faria outra cousa em todo o tempo.

«4.<sup>a</sup> Na sua linguagem seja suave sempre e reverente, nas obras decidido e firme, trazendo de ordinario na boca o serviço de Deus e de N. S., e a auctoridade da Sé Apostolica, da qual está certissimo que S. Alteza é e será sempre o maior defensor entre os reis christãos.

«5.<sup>a</sup> Louvar em publico os actos do rei, e especialmente certas reformas, a que é mui inclinado, e mostrar que approva todos estes actos, não sendo contra o serviço de Deus e do papa, porque assim

ganhará a afeição d'elle, e o disporá a servil-o na occasião propria; o mesmo pratique a respeito dos frades ou das pessoas influentes, diante de quem lh'o possa ir contar, deitando sempre os defeitos que ouvir notar á culpa dos maledicentes.

«6.<sup>a</sup> Fallar sempre, e principalmente com os frades do paço, ácerca da santidade e religião do rei, e recommendar-lhe que o estimulem sempre a continuar, repellindo as linguas maledicas, e prometendo avisar N. S. das obras d'elles. E a cada um em particular, segundo o caracter, o modo e o tempo, o que só lá póde apreciar-se, fallar-lhe para lhes dar esperanças, ou para os admoestar com rigor. Não perdendo nunca de vista o seduzir os frades, e tel-os da sua parte, declarando que N. S. será informado de tudo. E em cousas de consciencia e censura fazel-as dizer primeiro em segredo ao rei pelos frades. meio, segundo dizem, que muito lhe apraz.

«Está em Portugal, embaixador de França, um bispo chegado de novo, e outro que se chama Honorato de Caen ali residiu muito tempo. O do imperador é um cavalheiro chamado Diogo Sarmiento. Parece que será a proposito, e até necessario entrar na sua intimidade, se N. S. outra cousa não mandar. Porque quanto maiores e mais secretas relações o nuncio provar que ligou com elles, tanto mais temido, respeitado e despachado ha de ser. Mas nisto não se póde dizer cousa certa, por depender dos negocios publicos, e do modo que N. S. quizer que se tenha por motivos estranhos a Portugal; principalmente estando em lucta os seus principes, e sendo neutral o papa.

«De Honorato de Caen, embaixador de França, nada se fiam os francezes, nem parece que o nuncio se deva fiar n'elle de modo nenhum.

«Diz-se que a rainha de boa vontade se arroga influencia nos negocios, e quer ostentar que influe muito n'elles. E senhora mui religiosa. Convém figurar-se muito seu dedicado, e encommendar-lhe as cousas de N. S. e da igreja, como a pessoa que além da rainha, se conhece ser temente a Deus. E sobre tudo, quando se lhe fallar reduzir os negocios o mais que puder ser (como em verdade se deve) ao serviço de Deus, ao bem da igreja, sempre com menção da consciencia, do outro mundo, e do perigo da heresia e das censuras da igreja; em summa aquillo que apavora as mulheres religiosas; o que n'ella ha de produzir copioso fructo. E este meio e maneira é o que mais convem aos ministros do papa em todo o tempo, logar e razão.

«Direi por ultimo o que devia dizer ao principio, e o que o nuncio nunca deve esquecer para negociar com mais vigor e animo. Presentemente Portugal está reduzido a um estado debil e fraquissimo de forças; e o rei, além de pobrissimo, com dividas dentro e fóra do reino, e enormes e lessivos juroes d'ellas, acha-se mal olhado do povo, e com a nobreza mais desconceituado ainda, não por má indole sua, porque se se governasse elle proprio obraria melhor, mas pelos ruins conselhos e excessos dos que o rodeiam. As cousas de Portugal por contestação com a França sobre as navegações, e por causa da irmã filha da rainha de França, que os francezes pedem; e tambem em virtude das dissidencias com o imperador, e outras secretas paixões, decaíram a ponto de se receiar total ruina; ainda que não parece que S. Alteza a veja ou a tema, quando as calamidades futuras estão previstas por muitos discretos e sabios; e por mais receios que lhe mettam não muda de caminho, e cuida que com palavras e ordens, e a poder de ameaças poderá fazer-se temer. Por isso é necessario nunca perder semelhante estado de vista, e man-

ter firmes os bons propositos: assim o effeito será optimo, como dirão os nuncios anteriores.

«E sobre tudo assentar por cousa decidida que o character da nação e do povo, o numero e o poder do clero não soffre que a Sé Apostolica ceda (no todo ou em parte) salvo se nós para temer o que não assusta, ou por descuido, ou por desprezo do que o não merece nos maltratarmos a nós mesmos e como se diz — *Bona nomina, non appellant, deteriora fiorent* — o que Deus tal não queira, e o papa Paulo, guiado por Deus, não consinta!»

## POETAS DA ARCADIA.

PEDRO ANTONIO CORRÊA GARÇÃO.

### IV.

No Menalo — *Corydon Erimantho*.

Nas comedias, que são duas, *O Theatro Novo*, e *A Assembléa*, o Garção mostra, como em todas as suas obras, que nasceu poeta, e que sabia repassar de côr e de phisionomia nacional os seus assumptos. Os caracteres não se desmentem; carrega-os por vezes com exageração; e de certo estão longe da profunda analyse e da critica fina de Molière, que nas suas peças, e na intenção profunda d'ellas, tende sempre a retratar o homem e a humanidade ao mesmo tempo; mas quem chegou a igualar o mestre nos acabados quadros que deixou? Que pincel, depois do seu, tornou a descobrir a correcção de desenho, e a sciencia do coração, tão admiraveis no *Tartufo*, nas *Preciosas*, e em *Gorge Dandim*, imitado por Alexandre de Gusmão com o titulo do *Marido Confundido*, e representado a rogos de lord Tirawley em 1737 no theatro de Lisboa?

Pelos lineamentos das figuras, pelo calor do dialogo em algumas situações e pela exacta interpretação dos costumes, a *Assembléa* deve ser collocada entre os bons dramas da escola classica portugueza. A invenção é pouca; o enredo, frôuxo n'umas partes, confuso e precipitado n'outras, carecia de mais pausa; os caracteres, tirando dous, o de Braz Carril e sua mulher Urraca Azevia, peccam por falta de expressão individual, e pouca originalidade mostram; mas a mania fidalga em plebeus, e o ridiculo de figurar sem posses, achaques da sociedade do seculo do auctor, e ainda do nosso, estão pintados com vivesa, e ha toques de perfeição em varias scenas. As partidas de curiosas de arias e de cravo; as altas combinações de um chá de mofo; a rivalidade feminina das preciosas; e os repentistas do Parnaso caseiro, vivem e alegam a acção d'este rapido quadro, que tem o defeito de ser curto para o desenvolvimento da fabula e dos caracteres. O personagem de Gil Tustote, que apenas apparece de escorço duas ou tres vezes, representando o juizo grosso, mas são do povo, ganharia em ser rasgadamente desenhado. Que excellente typo sendo aproveitado! É na *Assembléa*, que a celebrada *Cantata de Dido*, pagina rara e primorosa da nossa poesia classica, foi sepultada na scena XIII entre as sonetadas e as impertinencias dos versejadores Jofre e Picote! Lendo este ensaio, e apesar dos lapsos que se lhe notam, vê-se que o Garção, se quizesse, era de todos os Arcades o unico dotado de engenho comico, e aquelle a quem a musa teria mostrado um sorriso e entregue a palma. Infelizmente parou no principio!

Mas aonde o Garção se levantou mais alto, foi na poesia lyrica, particularmente no genero horaciano.

Poucos conversaram tão de perto com o amigo de Mecenas, e souberam como elle colher no trato intimo de suas obras a flôr e o perfume. Seguindo o seu modelo não esperem o vôo imaginoso e impeto atrevido que em tantas occasiões approxima a alma inquieta e ardente de Bocage do genio de Byron — não; o verso de Coridon nunca sobe a essa altura, nem se deslumbra n'ella para cair. Cultor das musas castas, teria horror de si e da arte se lhe descabellasse em fervidas imprecções a compostura divina, ou desvairasse em gritos de desesperação o seu canto suave e puro. Tudo o que saíu d'aquelle pincel respira o gosto correcto e o tacto delicado de um talento, que tinha poder em si, que sabia conter-se, e não se esquecia nunca de se alumiar da critica. Naturalisando com primor a arte latina, e vestindo-a das gallas de um estylo digno della, na interpretação imitativa do bello antigo não foi igualado, nem será excedido por ninguem.

Não arde nos raptos pindaricos de Elpino; não ferve em entusiasmo como Elmano; é sobrio em crear, e lento em fundir na fôrma as imagens e as idéas; mas em compensação que delicadeza de traço, que ingenuidade vernacula na phrase, que admiravel perfeição em todas as partes! Que somma de bellezas, e que pequena sombra de defeitos, ás vezes parecendo esquecidos de proposito para realce! Quando mesmo o seu engenho não houvesse dado se não o *Cantico de Dido*, bastava esta corôa para não morrer. Esforce-se a critica, apure-se a lima, e n'este composto de graças e perfeições da musa classica, não encontrará um lapso de estylo, de idéa, ou de sentido; não descobrirá uma queda só na sublimidade, que do principio ao fim não cessa de a inspirar. Como a scena abre magestosa n'estes versos:

Já no rôxo Oriente, branqueando  
As prenes vellas da Troiana frota  
Entre as vagas azues do mar dourado  
Sobre as azas dos ventos se escondiam.  
A miserrima Dido  
Pelos paços reaes vaga ululando,  
C'os turvos olhos inda em vão procura  
O fugitivo Eneas.

Como cada palavra pinta, e cada verso diz o sentimento natural, ou descreve o quadro proprio! Veja-se depois como a dôr que delira, e o amor que mata, está traduzido em rasgos de uma força e de um acabado dignos do Livro IV da Eneida:

Frenetica delira:  
Pallido o rosto lindo,  
A madeixa subtil desentrançada;  
Já com tremulo pé entra sem tino  
No ditoso aposento,  
Onde do infido amante  
Ouvia enternecida  
Magoados suspiros, brandas queixas.  
Com a convulsa mão subito arranca  
A lamina fulgente da bainha,  
E sobre o duro ferro penetrante,  
Arroja o tenro, chrystalino peito;  
E em borbotões de espuma murmurando  
O quente sangue da ferida salta:  
De rôxas espadanas rociadas  
Tremem da sala as doricis columnas.  
Tres vezes tenta erguer-se,  
Tres vezes desmaiada sobre o leito  
O corpo revolvendo, ao céu levanta  
O macerados olhos.

Seria preciso transcrever tudo para não omitir nenhuma das bellezas que n'esta obra, uma das mais acabadas que saíram da mão do homem, (segundo nota um grande escriptor contemporaneo) estão espargidas com rara profusão. Pódem observar que o assumpto estava em Virgilio, e que d'elle eram os rasgos capitaes: de certo; mas em entender e sentir assim a antiguidade quem imitou ou venceu o Garção entre nós, e talvez no estrangeiro? Quando Goethe lucha com a Melpomene de Sophocles e Euripides, mareou-se-lhe a corôa poetica, porque vae pedir á tragedia grega a côr e fórma do bello classico?

O Garção detestava a rima, e parece-nos pouco feliz no seu uso. Os sonetos peccam por ella; encerrando alguns apesar d'isso pinturas finas, e quadros de interior incomparaveis pela graça familiar, e pela discreta jovialidade. Nas queixas ao padre Delfim riem-se a miudo os penates domesticos com uma ingenuidade, que, attrahindo sempre, elogia o coração e a sensibilidade do poeta. Mas as odes horacianas é que hão de ser o seu monumento na posteridade. O amor não vem n'ellas molhar as cordas da lyra das lagrimas tão dôces e amargas ao mesmo tempo de Desdemona, de Hydé, e de Julietta; mas a amizade affectuosa e a gratidão sem baixesa, fal-as-hão resoar com brio pouco sabido antes d'elle. A sua musa, abrindo as candidas azas e corôando-se do vapor luminoso de uma inspiração christã, não subirá ás regiões da contemplação, suspirando pelo ideal do bello aos pés de Deus como Lamartine; mas os dedos frementes do vate acharam o segredo d'essas notas raras, que foram o seu canto á virtude, e o seu gemido de saudade ás tradições da patria. O desalento, e a imprecação desgrenhadas e ululando, não algaram ao céu em verso audaz o grito impio da alma, que não cabe em si, e se gasta com o fogo dos desejos á similhaça de Byron; mas a suave ternura da esperança, e a serena confiança do espirito dirão em metros admiraveis, que o justo não se curva ao agoute da ruina, mas valido e firme ergue o rosto, e ferido ainda desafia o infortunio!

Se a poesia não é uma vaga melodia; se a aspiração e a idéa são o espirito immortal, que a levanta superior aos seculos, e aos imperios, com os pés calcando as urnas do passado, com a fronte tocando as estrellas do empyreo, a lyra do Garção vivirá nos tempos, porque ninguem, igual a elle, soube nunca unir a pureza da arte á elevação do sentimento, nem traduzir em carmes mais viris o destino sublime do homem, que a fortuna não espanta, e só á mão de Deus se dobra! Não é só enlevo e agrado o que attrahe nos canticos, que legou; é a interpretação moral da vida, e a revelação do segredo das grandes almas, cuja passagem na terra assignala não a gloria estrepitosa das conquistas, mas a victoria pacifica da resignação e da constancia. E estes heroes eram os Regulos antigos, e são os martyres catholicos!

Quem lêr a Ode V á Virtude, e a comparar á de Horacio — *Justum et tenacem propositi virum* — a quem dará a palma, ao latino, que esfria do primeiro impeto, ou ao cantor moderno, que de estrophe em estrophe cada vez se arremessa a maior altura? As bellezas do segundo parecem-nos superiores á correcta, porém menos concisa e mais debil aspiração do poeta romano: aonde o Garção o recorda, as duas linguas luctam como irmãs, e nenhuma vence; aonde a idéa do lyrico portuguez se separa e vóa só, a que distancias não deixa o seu modelo? Ouçamo-los, e ajuize-se:

O constante varão, que justo e firme  
Da difficil virtude segue os passos,  
O pesado semblante do tyranno  
Não teme, não estranha.

É uma reminiscencia classica; mas com que valentia de estylo e de phrase expressa! Como sentia o genio antigo, e o revelava! Na Ode romana toda a vantagem da opulenta versificação latina, e toda a elevação do pensamento poetico, bastam apenas para se manter a igualdade. E veja-se; a lucta é com Horacio.

Justum et tenacem propositi virum,  
Non civium ardor prava jubentium  
Non vultus instantis tyranni  
Mente quatit solida: neque Auster,  
Dux inquieti turbidus Adriæ  
Nec fulminantis magna Jovis manus.  
Si fractus illabatur orbis,  
Impavidum ferient ruinæ.

Agora escute-se o Garção, e diga-se que elle não era digno de se medir com o primeiro lyrico do seculo de Augusto!

Veja ferver o chumbo, erguer as cruces;  
Ouça afiar na pedra o curvo alphange;  
Soffra no pôtro asperrima tortura;  
Não perde a côr do rosto.

Com pavoroso estrondo se desatem  
Em vermelhos coriscos as estrellas;  
Brote volcões a terra; da ruina  
Impavido não foge.

Até aqui o certame. D'esta estrophe em diante os dous separam-se; e quem conhece e meditou a famosa Ode de Horacio sabe, que desmaia em digressões, e abate da grandeza quasi epica do primeiro rpto. O Garção não. A musa sorri-lhe até ao fim; o seu enthusiasmo ferve de cada vez com mais ardor; e subindo sempre, expira só o canto, quando o sentido moral, e a grande imagem poetica estão perfectas; quando disse tudo como não torna a dizer outro!

Assim Mario subiu ao Capitolio  
Entre Aguias e Lictores conduzido,  
Com aspecto sereno; ainda que atadas  
As rôxas mãos em ferros.  
Na presença de Cesar e Conscriptos  
Fui, disse, fui fiel a Galba, e a Roma:  
Confesso o meu delicto, se delicto  
Á virtude se chama.  
As legiões romanas testemunhas  
Poderão ser; vós, Consules, Tribunos,  
A verdade dizei. Dizei se Mario  
Foi amigo de Galba?

Eu vi o triste velho descorado  
A garganta offerecer ao duro golpe;  
E indo da patria o nome repetindo  
A grande alma fugir-lhe.  
Oh Cesar! Aqui tens de Mario Celso  
O crime e a confissão: Romanos, Mario  
Foi a Galba fiel! Vamos, aonde  
Está o cadafalso.  
Acabou de fallar: Consules, Padres  
Attonitos ficaram; porém Cesar,  
De tão rara constancia namorado,  
Nos braços o recebe.

E foi este o homem, que em quanto as graças choviam sobre obscuros legulejos, e douravam a fatua estulticia de lisonjeiros aguerridos no impudor, um aviso despotico e camerario arrancou ás musas e aos braços amantes da esposa e dos filhos, sepultando-o sem culpa conhecida em um carcere, de que só a morte devia abrir-lhe as portas! Até essa mesquinha mercê da redacção da *Gazeta* não tardou que lh'a tirassem, vingando-se do moralista austero, e do poeta isento, que não arrastava carmes servís pelas festas dos poderosos! Como elle os conhecia, quando exclama na Ode IV:

..... O Lisonjeiro  
Estudando o segredo  
De agradecer despresos, não se affaste  
Da sala do ministro.  
Ali dourando o sol os altos montes  
Na madrugada veja;  
Ali o deixe a lua, que vermelha  
No horisonte mettida.  
Estende os frouxos raios pelas ondas;  
Se com publica fraude  
Ao miseravel orphão a capella  
Sonegar-lhe pertende.

Aspire á becca o julgador iniquo,  
Q' aos olhos da justiça  
Roubou a santa venda, que equilibra  
Nas vendidas balanças  
Os dourados delictos! .....

As poesias do Garção, que se conhecem, foram impressas e formam dous tomos. Consta-nos que houve quem possuísse outro volume inédito, que talvez a esta hora esteja perdido. Uma edição expurgada dos erros que desfeiam as que existem, e augmentada com o precioso peculio das obras ainda não publicadas, seria um serviço relevante ás letras, e um documento valioso para a historia d'ellas. Mas quem se occupa hoje de versos, e sobre tudo de versos do Garção? Eram rabugens de um velho classico, e não vale a pena de se lhes lançar os olhos! Animem-se entretanto; folheem essas paginas, infelizmente tão curtas, de uma perfeição quasi irreprehensivel; e digam depois se fomos parciaes, se fomos excessivos, assegurando que era uma grande alma aquella, e um nobre engenho! Julgae com as suas bellezas diante da vista, e estamos certos que sereis do nosso voto.

L. A. REBELLO DA SILVA.



FR. MIGUEL CONTREIRAS.

FR. Miguel Contreiras nasceu em Valencia de Hespanha, ou em Segovia, como querem outros, a 29 de setembro de 1431. Passados os primeiros annos, começou de cursar os estudos, revelando desde logo singular talento, e uma decidida inclinação para a solidão e o recolhimento, inclinação, ou antes aspiração ardentissima, que tão fundo se lhe enraizou n'alma, que, apesar de descender da nobre casa dos Contreiras, de que foi progenitor o famoso conde Fernam Gonçalves, donde procedem muitos monarchas de Hespanha, e porventura contra a vontade de seus paes, que sem duvida folgariam que elle abraçasse uma carreira brilhante e condigna da sua illustre prosapia, preferiu, depois de concluidos aquelles

estudos, a obscura vida monastica, entrando na ordem da Santissima Trindade, onde professou.

Já sacerdote e adiantado em annos, pediu licença para vir residir no convento da sua ordem em Lisboa, e obtendo-a passou a Portugal em 1481.

O motivo que Fr. Miguel Contreiras tivera para abandonar a sua patria é mui difficil de averiguar, nem vale a pena fazel-o: o que é certo é que soube em Portugal sustentar dignamente a reputação que lá fóra havia grangeado, e que o povo, concorrendo em multidão a escutar os seus sermões, repassados de verdadeira unção christã, começou de appellidá-lo o *apostolo*.

E era de feito um verdadeiro apostolo. No tem-

plô a sua palavra eloquente convertia os impiedosos, roborava a fé aos tibios, mostrava aos justos o caminho do céu; e se sabia distribuir com mão generosa o alimento do espirito, a sua caridade não era menos fervorosa, menos sincera, e menos solícita em promover o bem temporal de todos os desvalidos.

Conhecia Fr. Miguel por essa capital muita viuva sem pão, muito enfermo abandonado, muito orphão sem amparo, muitas donzellas que a miseria expunha de continuo ás mais perigosas seducções; abraçou-o um santo zêlo, e tomado da compaixão de tantos infortunios, que a sociedade descuidosa não só não curava de evitar, mas nem sequer forcejava por diminuir, deitou-se a pedir pelas ruas e casas para os pobres.

Deus abençoou a sua obra; e fez largamente fructificar os seus esforços; não só a cõrte, e mórmente a virtuosa rainha a senhora D. Leonor, de quem fôra nomeado confessor, e cujo nome anda vinculado á fundação de alguns dos nossos principaes estabelecimentos de caridade, mas tambem o povo concorreu a ajudar com suas esmolas o venerando sacerdote, que assim pôde, pobre e humilde frade, enxugar muita lagrima, attenuar muito infortunio, acabar com muita miseria.

Entretanto o seu zêlo, com quanto fervoroso e ardente, não podia acudir com a necessaria regularidade a muitos enfermos, que ou por serem estrangeiros, ou por não terem quem os recebesse em casa, andavam recolhidos pelos adros das egrejas e pelos arcos do Rocio.

Incansavel no serviço dos pobres, e não recuando perante qualquer difficuldade, pediu instantemente á Camara de Lisboa lhe quizesse dar uma casa que estava junto a Santo Antonio da Sé, onde antigamente se faziam as audiencias do cível; a Camara não pôde resistir ás solicitações de Fr. Miguel, que obteve a concessão pedida, e entendeu immediatamente em mandar fazer nas referidas casas as accommodações necessarias e indispensaveis; recolhendo ali pouco depois os enfermos, e assistindo-lhes com todos os soccorros corporaes e espirituaes. (1)

É tradição corrente que el-rei D. Manoel, tendo noticia d'esta caridosa fundação, entrára um dia, sem que fosse esperado, pela enfermaria dentro.

Como é natural os devotos que andavam curando os doentes, e fazendo-lhes as camas, perturbaram-se com a presença do rei, e largaram tudo para o receber, porém este disse-lhes: "*Fazei a vossa obrigação.*" e continuando elles o rei, pegando em um cobertor pela ponta, disse: "*Eu tambem.*" (2)

(Continúa.)

## THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(REVOLUÇÃO DE NAPOLES EM 1647.)

### I.

A HISTORIA da repentina elevação, e da trágica e precipitada queda do famoso pescador de Amalfi Thomaz Aniello tem constantemente servido de thema á inspiração dramatica, desde a bella opera da

(1) Exame critico e historico sobre os direitos estabelecidos pela legislação antiga e moderna, relativamente aos Expostos e Engeitados, por Antonio Joaquim de Gouveia Pinto. — Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias.

(2) Veja-se o referido *Exame critico*, etc.

*Muda di Portici* até á ultima peça castelhana de um auctor contemporaneo. Pela sua origem e progresso, e pela grandeza da catastrophe, o assumpto mereceu até hoje a predilecção dos compositores, e o applauso do povo; e de feito poucas scenas iguaes a esta crearia a imaginação, tão ferteis em lições moraes, tão agitadas de vivo e profundo interesse! A verdade aqui desafia a arte, e vence-a. O drama nasceu perfeito; os caracteres saíram da realidade sem nada deverem invejar aos typos mais acabados da invenção poetica.

O vulto do concitador popular que uma rajada tempestuosa da praça publica atira ás eminencias do poder, e uma onda não menos rapida logo enrola e despedaça aos pés da multidão voluvel, aclamado chefe e réu quasi ao mesmo tempo; esse vulto cheio de movimentos dramaticos, fadado com a predestinação singular dos entes, que o dedo de Deus marcou para serem os exemplos da Providencia, domina tudo, atterrando o espirito, e fazendo vacillar o animo. Masaniello é o retrato de todos os tribunos. As suas qualidades e os seus defeitos, a sua exaltação e a sua morte, resumem a dolorosa paixão do homem e da humanidade; e explicam em algumas letras uma parte do tenebroso mysterio da vida. Forte e omnipotente para desencadear a tormenta, quando tenta suspendel-a sente-se debil, e acha-se só; a lucta soffoca-o!

A noticia dos acontecimentos, que levantaram nos braços populares do seculo 17.<sup>o</sup> este rei ephemero, corre na versão vulgar confusa e inexacta. Nas paginas mais serias dos livros historicos encontram-se mais bem caracterizadas a acção e o agente; porém as particularidades escapam; os costumes faltam; e a propria phisionomia do protagonista apparece apagada por acaso ou de proposito. O homem, sim pintou o leão, mas pintou-o prostrado. Os castelhanos, que o braço do pescador de Amalfi obrigou a cederem, e acceitarem por algum tempo o jugo que tinham imposto, eram juizes suspeitos; e a sentença que lavraram, na sua estudada concisão, é a primeira a accusar a parcialidade do amor proprio.

Cita-se a miudo o episodio da revolução de Napoles; e entretanto apenas se conhecem d'elle geralmente os lineamentos. As meias tintas, o que o drama tem de intimo, as causas que produziram os effeitos, debalde se procuram; um véu espesso cobre-as; e tanto a arte como a historia, para as suas manifestações, carecem de abranger tudo. O quadro comido pelo tempo como está, só deixa aperceber esmorecidas e desbotadas algumas figuras; e assim mesmo não passa de uma cópia, infiel ás vezes. Descubriendo outro painel, que nos parece mais original, e mais verdadeiro do que a narração vulgar, entendemos que devia ser visto com gosto, e que os poetas, que o assumpto tem sempre convidado, nos levariam a bem a exposição de uma pintura extensa e bem conservada. Devemol-a a documentos filhos da epocha; e a mão que os traçou apertava talvez a mão calosa do plebeu rebelde, e os dedos macios e delgados do fidalgo hespanhol, um instante subdito do seu vassallo!

Quanto se vae referir é tirado das relações contemporaneas do successo, e traz o cunho especial de uma narração com informação copiosa, e ás vezes apurada pelo testemunho ocular. Inserimos igualmente no logar mais adequado os capitulos accordados entre o vice-rei, o duque dos Arcos, e o povo de Napoles para se pôr termo á revolução, e se firmar a concordia. É um tratado negociado de igual a igual; e attestado pelos nomes mais illustres da fidalguia de Napoles e de Castella!

A conquista e a posse das possessões de Italia foram sempre inquietas e amargosas para a Hespanha; e a oppressão, que arrancou da sua corôa os Paizes Baixos e Portugal, desmembrando a vasta monarchia de Carlos V, produziu em Napoles os fructos venenosos, que sempre tem produzido. O episodio, que estudamos, é mais uma demonstração fecunda do erro de se retesar de mais o arco em materia de governo. A corda estala, e fere a mão inexperiente que ousou brincar impunemente com o perigo. Começaremos pelas causas que provocaram os tumultos, e depois exporemos o seu desenvolvimento, e as variadas scenas em que figuram de um lado os plebeus, e do outro os senhores humilhados. É a maneira simples e clara de offerecer o quadro no melhor ponto de vista.

O reino de Napoles tinha-se conservado pacifico, obedecendo ao imperio da casa de Austria desde a entrada de Carlos V em 1503; alguma alteração parcial no tempo de D. Pedro de Toledo (1547) e o caso notorio de Starace (1585) foram rapidas e leves excepções. Entretanto os impostos onerosos, successivamente lançados pela imprudencia insaciavel do fisco, com varias denominações, traziam o povo descontente, e mais de uma vez ameaçaram conflictos e tumultos. O duque de Ossuna, desviado da côrte pelo ciume do conde duque de Olivares, e acceptando do valido no vice-reinado de Napoles um desterro brilhante, achou a irritação aggravada pela nova taxa sobre as fructas, e usando do seu poder para suavisar os vexames, aboliu-a com geral applauso. Este exemplo de humanidade e de sabia administração serviu só de incentivo aos successores para a restabelecerem apenas elle decaiu; e apesar dos factos recentes de Palermo, (aonde a crueza dos supplicios de Horacio Strozzi, Francisco Angalone e José Amato déra o signal da rebellião) e dos carteis anonymos affixados nos logares publicos, contra a promulgação de mais tributos, o duque dos Arcos, allucinado e prepotente, mandou outra vez arrecadar a taxa das fructas, e decretou outra de vinte por cento sobre os vinhos. Os clamores augmentaram; o odio exacerbou-se; e pouco tardou que a explosão não rebentasse, convencendo os oppressores da temeridade com que desafiavam de sangue frio a paciencia dos subditos.

No dia 7 de julho de 1647, um incidente, que seria insignificante se a mina não estivesse carregada, e a menor faísca não bastasse para a fazer voar, veio desenfriar as iras, principiando uma lucta que fez arrepende os provocadores da sua obstinada contumacia. Era domingo. O mercado estava apinhado, e havia ordem para se arrecadar o imposto das fructas chegadas á praça. Os compradores negavam-se a pagar a taxa, exclamando contra as extorsões dos exactores, e sustentando que o valor d'ella havia de ser satisfeito pelo vendedor. Durava e crescia a contestação entre uns e outros, quando o magistrado do povo João Baptista Naderio, se apresentou ordenando com ameaças aos compradores que levassem as fructas, e aos vendedores que as pesassem, entregando as quantias relativas ao tributo. De ambas as partes recusaram acceder; e por fim os quinteiros de fóra da cidade, exasperados, levantaram os logares, lançaram os fructos ao chão, e quizeram sair. Um bando de creanças acudiu em enxame a recolher os despojos da lucta, e no ardor do motim, que ia subindo, converteram os figos em projecteis, atirando-os, com mofas e doestos, ao rosto do magistrado; atraz dos figos voaram as pedras; e Naderio, conhecendo tarde a sua loucura, salvou-se do marty-

rio, fugindo no meio das vaias e dos arremessos do vulgacho, que o perseguiu até cheio de terror chegar á praia e entrar n'um hote.

Apenas o magistrado desapareceu a indignação publica voltou-se contra a *casa da Gabella*, e incendiou-a com os moveis e livros que tinha. Passando a mais, e apparecendo-lhe a estimular-lhe a cólera o pescador de Amalfi Thomaz Aniello, a multidão levando na frente as creanças, e arvorando uma canna verde, como haste de bandeira, dirigiu-se ao palacio do governo, engrossando em cada rua, e animando-se progressivamente com o numero e com as exhortações reciprocas. Quando chegaram diante do paço o bando era já um exercito, e o motim uma revolução. Romperam vivas á casa reinante e morras aos tributos. A guarda quiz dispersar as mangas de povo, que forçavam a entrada, e em um instante viu-se desarmada depois de curta resistencia. Subiram acima; deitaram pelas janellas os moveis, quebrando e rasgando quanto encontravam. O vice-rei assustado, e ignorando as circumstancias da repentina novidade, desceu pela escada falsa e retirou-se a S. Francisco. No caminho a plebe, apesar do ouro e prata que lhe atirava, faltou-lhe ao respeito, gritando: — «Não queremos dinheiro, queremos o pão barato!»

Do palacio, Masaniello e os populares partiram a arrombar as portas dos carcerees de Santiago, guardadas por um posto de soldados hespanhoes. Depois foram abertas as outras prisões, restituindo-se á liberdade duzentos e quarenta presos. Os ferrolhos, cadeados, e livros eram queimados em auto festivo; os processos lançados ás chammas; e em roda das fogueiras as creanças e as mulheres dansavam; cantando em triumpho. Só exceptuaram a Vicária por ser o carcere real. Tudo isto tinha sido obra de um impeto; o motim tomara as proporções de uma revolução sem plano, sem cabeça visivel, e sem meios de exito combinado. O tumulto levantou-se de repente no mercado, varreu tudo diante de si, e crescendo com a propria força, ganhou a victoria antes mesmo de cuidar em combater. As rebelliões preparadas falham muitas vezes, porque se fundam na ambição, e tomam o desgosto ou os rancores de alguns homens pela causa do paiz; as grandes revoluções, pelo contrario, fazem-se a si mesmas; ninguem as inspira, ninguem as dirige, e ninguem as delata, porque a idéa está na mente de todos, a injuria é commum, e o esforço reciproco. Em Napoles, ao romper do dia 7 de julho, nenhum dos actores da scena do mercado ao sair de casa era capaz de prever os acontecimentos, em que devia figurar. A medida estava cheia; uma gota de fel mais; e trahordou!

A rapidez e a espontaneidade da explosão atou as mãos aos governantes, e fez crescer os brios da cidade e dos arredores. Pareceu-lhe que era chegada a occasião de se libertarem dos impostos e de abater a nobreza, causa da sua oppressão. Por um systema tenaz e implacavel, os fidalgos grangeavam os tributos, exaurindo a substancia publica, e despojando as outras classes dos seus privilegios. Desde o tempo de el-rei Frederico que pendia o litigio entre o povo e os senhores; veiu-se ao accôrdo de escolher o monarcha para arbitro; e as decisões da corôa deram a razão ao povo. Os soberanos hespanhoes, facéis em promessas, e infieis no cumprimento d'ellas, repetidas vezes protestaram restituir á cidade as isenções usurpadas; mas os abusos permaneciam, e em lugar do suspirado alivio, todos os dias recentes vexames se accumulavam aos antigos, carregando de taxas os mercadores, os vendilhões, e os estrangeiros; e con-

vertendo o fisco em uma prensa para extrair até ao ultimo ceítil da substancia dos pobres, esmagados, em quanto a nobreza, livre de impostos pelas suas prerogativas, disfructava, á custa do suor do trabalho alheio e da indigencia, as delicias do fausto e do luxo. A tyrannia, desenfreado-se com a paciencia dos oppressos e a impunidade quasi certa, chegou a perder até as ultimas apparencias do pudor. As taxas lançadas serviam-lhe de machinas para novas extorsões, negociando-as com publico escandalo, a ponto de não esquecer mesmo o odioso trafico do contrabando no calculo dos seus lucros. O excesso subiu ao ponto de arrematar tributos a vinte cinco por cento, por um praso que equivalia á perpetuidade, tirando da sua administração mais de trinta ao anno!

(Continúa.)

### BIBLIOGRAPHIA.

*A traducção de Lucrecio, pelo Dr. Lima Leitão.*

A LITTERATURA portugueza rica em poemas epicos, riquissima em poesia lyrica, bucolica e elegiaca, é, cumpre confessal-o, pobrissima em traducções poeticas.

Portugal é a unica nação civilisada que não possue traduzidos na sua lingua, já não digo todos os poetas gregos, que não são muitos, mas nem ao menos um poema de Homero.

Quanto a poesia latina, possuímos apenas uma parte das poesias de Horacio, os primeiros livros das Metamorphoses de Ovidio, e uma unica versão completa de Virgilio pelo sr. Lima Leitão, a da Eneida por João Franco Barreto, e a das Georgicas e Eclogas por Leonel da Costa.

De que provirá este phenomeno tão notavel? acaso da falta de gosto no publico? da falta de aptidão nos poetas para este genero de trabalhos? da falta de recompensa que d'elles se espera? Talvez que não seja por nenhuma d'ellas só, mas por todas juntas.

Na verdade é cousa bem para descorçoar a idéa de emprender um trabalho de annos, com a desagradavel certesa, de que, depois de publicado, nem sequer dará para a despesa da impressão.

Para aggravar estes inconvenientes vem ainda a preocupação vulgar de que ha pouco merito em traducções, como se a traducção poetica de um poema não demandasse quasi tanto genio como o do auctor original; como se em tal trabalho não houvesse a vencer obstaculos e difficuldades, que demandam grande força de talento; como se um bom interprete de Homero, e de Virgilio não fosse mais benemerito da litteratura patria do que muitos auctores de poemas originaes.

Por isso em nosso entender grande louvor merece o Dr. Antonio José de Lima Leitão, que tão utilmente emprega o tempo, que lhe fica livre dos estudos da sua profissão, e do magisterio, que dignamente exerce, em traducções poeticas de poemas antigos e modernos, procurando assim preencher a grande lacuna, que existe na nossa litteratura, tão inferior n'esta parte á dos italianos e francezes, que possuem muitas traducções em verso de todos os poetas gregos e latinos, e de todos os modernos auctores de livros de grande reputação.

Devemos ao sr. Dr. Lima Leitão a versão completa de Virgilio, a do Paraíso Perdido de Milton, a da Arte Poetica de Horacio, e de algumas tragedias de Racine.

Estas versões são na verdade de merecimento

superior, e de grande trabalho, porém de mais trabalho, e de muito maior importancia é sem duvida a que empreendeu ultimamente, e de que já publicou um volume.

Queremos fallar da traducção em verso do poema da Natureza das Cousas de Tito Lucrecio Caro, um dos mais insignes poetas, que produziu a antiga Roma. Pela belleza da poesia, pelo vigor da expressão, e pela natureza das materias, de que se trata n'aquelle poema, é este talvez o mais difficultoso de traduzir em verso, de todos os que nos legou a antiguidade, e apesar d'isso elle apparece reproduzido em portuguez com uma louçania de estylo, facilidade e força de metro superior a tudo, que pôde imaginar-se; parece a cada passo que estamos lendo uma composição original, tão pouco é o constrangimento, que se vislumbra na sua brilhante execução.

Interessados, como na verdade somos, na gloria da poesia patria, não podemos deixar de manifestar aqui a nossa approvação a tão util trabalho, e de exhortar o digno traductor a não abrir mão de tamanha empresa; e a emprender outras de igual importancia, como o Astronomico de Manilio, a Thebaida de Stacio, os Amores das Plantas, e o Templo da Natureza do Dr. Erasmo e Darwin e a Sphæsa de Buchanan.

J. M. DA COSTA E SILVA.

*Grude de arroz, ou cimento do Japão.* — Dissolve-se em agua fria a farinha do arroz, e coze-se a fogo brando até se tornar consistente. Esta colla ou grude é muito branca e seccando fica quasi transparente; a sua força é tal que os papeis grudados com ella rasgam-se as mais das vezes, ainda que com cuidado se queiram separar; assim é com preferencia empregada para todos os objectos de cartonagem que exigem aceio e solidez, taes como caixinhas, casas, templos, e outros objectos de toucador.

Este grude é muito superior ao da farinha de trigo, ou pós de gomma, e convem especialmente para as obras dos encadernadores de livros, para ligar cópias de manuscriptos, ou os proprios manuscriptos, e gravuras que se pretendem conservar em livros.

Empregando menor quantidade de agua na preparação d'esta colla, pôde dar-se-lhe bastante consistencia para modelar estatuas, bustos, baixos relevos, e outros semelhantes objectos, que, seccando, tomam um bello polido e são susceptiveis de se conservarem por muito tempo mediante algumas precauções, taes como livrar da humidade os objectos formados com esta massa, etc.

No Japão fazem d'ella enfeites que imitam tão perfeitamente a madreperola, que chegam a equivocar os compradores.

— Mais gravemente enferma o que logra melhor disposição, que o que nunca deixou de ter achaques. E a razão é porque a enfermidade, que pôde vencer disposição tão boa, teve muito de poderosa; ignorancia que não alumia o discurso mais desperto, tirou as esperanças ao remedio.

PADRE A. VIEIRA.

— A caridade é uma divida eterna e sem limites.

— A paixão faz com que muitas vezes condemnemos em uns o que approvamos em outros.

— A verdade scandalisa ordinariamente aquelles que não esclarece nem converte.

QUESNEL.